

A FEIRA LIVRE: O LUGAR ANTROPOLÓGICO DE ENCONTROS E DESENCONTROS

FREE FAIR: AN ANTHROPOLOGICAL PLACE OF MEETINGS AND DISAGREEMENTS

Ángela Jasmín Fonseca Reyes (UFF)

Resumo

O presente artigo expõe o trabalho etnográfico feito na feira livre do sul de Tunja (Colômbia), como espaço de encontros e desencontros, onde convergem saberes e práticas que fazem dela um *lugar antropológico*, que persiste além das transformações assumidas pelo crescimento da cidade. A feira, diversa e heterogênea, é mais do que um local de intercâmbio de mercadorias, é um cenário de *sociabilidade* e transmissão de patrimônio. Nela se reúnem e misturam sotaques, línguas, nacionalidades, histórias e conhecimentos, tratando de local educativo ao céu aberto, em que as pessoas aprendem e ensinam fazendo, narrando, ouvindo, interagindo, entre outros.

Por isso, compreender a feira implica estudá-la desde um olhar sociológico, ou seja, desde as práticas e relações que se tecem entre as pessoas e o lugar, contemplando que o contexto encontra-se carregado de signos, representações e subjetividades, cuja relevância vai além do econômico, pois ali as relações comerciais dependem da interação e comunicação, que usualmente ultrapassa as fronteiras da formalidade, gerando um ambiente de familiaridade e proximidade, com valores simbólicos e de identificação. A feira é analisada desde a ótica dos atores envolvidos, para reconhecer as estratégias e os recursos mobilizados pelos comerciantes locais para promover a sua resistência frente ao avanço das novas formas de comércio que acompanham a modernidade e o capitalismo, como shoppings centers e grandes lojas e redes de supermercados. Sabendo que na feira coabitam mudanças e permanências.

Palavras-chave: Feira livre, lugar antropológico, intercâmbio de saberes, sociabilização, encontros e desencontros.

Resumen

El presente documento expone brevemente el trabajo etnográfico realizado en la Plaza de mercado del Sur de Tunja (Colombia), como espacio de encuentros y desencuentros, donde convergen saberes y prácticas que lo hacen un *lugar antropológico*, que persiste a pesar de las transformaciones asumidas por la ciudad en crecimiento. La plaza, diversa y heterogénea, es más que un sitio de intercambio de mercancías, es un escenario de *socialización* y transmisión de patrimonio. En la Plaza se reúnen y mezclan acentos, idiomas, nacionalidades, historias y saberes que hacen de ella un local educativo a cielo abierto, en el cual las personas aprenden y enseñan haciendo, narrando, oyendo, interactuando, entre otras. Por esto comprender la plaza implica estudiarla desde una mirada sociológica, o sea, desde las prácticas y relaciones que se tejen entre las personas y con el lugar, contemplando que el contexto se encuentra cargado de signos, representaciones y subjetividades, cuya relevancia va más allá de lo económico, pues allí las relaciones comerciales dependen de la interacción y la comunicación, que usualmente sobrepasa las fronteras de la formalidad, generando una ambiente de familiaridad y proximidad, con valores simbólicos e de identificación. De acuerdo con lo anterior, la plaza es analizada desde la mirada de los actores involucrados en ella, para reconocer las estrategias y los recursos empleados por los comerciantes de la plaza para promover su resistencia frente al avance de las nuevas formas de comercio que acompañan la modernidad y el capitalismo, como los centros comerciales, los almacenes de cadena y las grandes redes de supermercados.

Palabras clave: Plaza de mercado, lugar antropológico, intercambio de saberes, socialización, encuentros y desencuentros.

INTRODUÇÃO

A feira é um fenômeno social, na qual são geradas relações de intercâmbio comercial baseadas nas relações humanas. Daí que, compreender a feira implica se envolver com os sabores, cheiros, texturas e histórias que se constroem neste *lugar antropológico* (Auge) aonde se tramam práticas, memórias, identidades, diálogos e conflitos. O que enseja em diversos conhecimentos se encontrando em constante transmissão, construção e intercâmbio.

A feira livre do Sul de Tunja é a porta de entrada da cidade, está situada no limite do perímetro urbano e o rural do município, e constitui o maior mercado da cidade e do centro-oriente da Colômbia. Cada semana comparecem ao redor do local entre 1500 vendedores e 2000 compradores, por isso se constitui como um centro de provisionamento e distribuição de relevância para o município e para a região.

Segundo o Conselho do Estado, autoridade máxima da república referente ao contencioso administrativo, as feiras livres são bens de uso público, cuja administração deve ser regida por entidades estatais correspondentes. No caso de Tunja, a Secretaria de Desenvolvimento, dependente da prefeitura, é a responsável por dirigir estes locais, cuidando da organização e do bom funcionamento, sem que se incorra em invasão do espaço público próximo aos locais de mercado. Também é responsável em vigiar que os direitos e os deveres dos vendedores sejam respeitados e exercidos, sendo que, além do que é arrecadado, estes devem pagar ao município pelo uso do espaço na Feira.

Porém, a feira não é só um acúmulo de barracas efêmeras dispostas nos dias úteis de mercado no setor periférico da cidade, mas também é onde se vendem frutas, legumes, roupa, gado, refeições, entre outros bens de primeira necessidade com preços não especulativos. O mercado é também um acontecimento social e cultural que suscita diálogo, interação, transmissão de patrimônio, socialização, bem como conflitos, confrontos e violências. Nas palavras de Barbero “La plaza de mercado (...) es para las masas populares un espacio fundamental de actividad, de producción de discurso propio, de prácticas en las que estalla un cierto imaginario –el mercantil– y la memoria popular se hace sujeto constituido desde otro imaginario y otra lengua” (BARBERO, 1981, p. 3).

A informalidade característica das feiras, e o pouco interesse das administrações municipais nestes espaços têm contribuído a propagar uma percepção negativa desta, catalogando-a como problemática, foco de insegurança, desordem, e até ilegalidade. Por isso, não são poucas as instituições públicas, particulares e ONGs que têm intervindo na feira, a procura de prevenir o trabalho infantil, desenvolver projetos de reciclagem, brigadas de saúde e beleza, palestras da polícia sobre equidade de gênero, uso de drogas,

etc., contudo, estas intervenções não têm contribuído à mudança que se espera desta, pois essas iniciativas desconhecem o mais relevante da feira: as pessoas.

Compreender as relações sociais e as práticas culturais que acontecem no mercado é, ao mesmo tempo, se aproximar das dinâmicas da cidade com suas mudanças e permanências, refletindo sobre o valor do espaço público como recinto de sociabilidade, interação, intercâmbio, ensinamentos e aprendizagens, já que do mesmo jeito nele persistem e resistem frente ao avanço das novas formas de comércio que acompanham a modernidade e o capitalismo.

Nesse termo, faremos aqui uma abordagem da feira, desde o olhar sociológico, tomando como referência os aportes do Simmel, do Auge, do Leach, do Barbero, do Freire e dos Santos, além dos insumos do trabalho de campo feito na Feira livre do Sul de Tunja.

1. PERCORRENDO A FEIRA: O LUGAR ANTROPOLÓGICO

Abraçada pelas nuvens e rodeada pelas montanhas, se encontra a feira livre do Sul de Tunja. Desde as primeiras horas da manhã, muito antes do que o sol aparecer no horizonte e as ruas próximas ficarem cheias de gente, a feira inicia seus labores. Entre os seus cantos se percebe uma espécie de dança, amenizada pelos gritos e carreiras, homens, mulheres e crianças correm carregando nas costas pesados volumes de toda classe de frutos da terra. Ao mesmo tempo em cada barraca os comerciantes compõem armações, canastras e estantes improvisadas para exibir as frutas, as verduras, os cereais, os grãos, entre outros, como numa sinfonia de cores, cheiros e gostos.

Consequentemente, a feira é um recinto onde os bens e as práticas cotidianas dão conta dos *habitus* dos agentes, que segundo Bourdieu são “*sujetos actuantes y conscientes que cuentan con un sentido práctico de la realidad* (BOURDIEU, 1997, p. 116).

Cada dia da semana a feira tem uma organização e disposição diferente. Às quartas e quintas acontecem principalmente as vendas de atacado, mas o dia de mercado mais importante é a sexta-feira. A jornada das sextas é extensa e cansativa para todos os trabalhadores da feira, para os comerciantes a jornada varia segundo o produto e o sitio onde se localizem.

Esta se encontra rodeada por uma cerca metálica, mas no interior tem vários prédios e recintos ao ar livre que são ocupados pelos comerciantes conforme o dia e a hora. Embora cada canto esteja distribuído por seções, setores, pavilhões e designado para cada vendedor, em específico, depois da aprovação da administração. Na prática, este

processo implica se relacionar, dialogar e até disputar por aquele pedaço de chão, que pode parecer pequeno e insignificante, mas se encontra carregado de símbolos, signos e identidades de grande relevância.

Archela afirma que, “como parte do espaço, o lugar é ocupado por sociedades que ali habitam e estabelecem laços tanto no âmbito afetivo, como também nas relações de sobrevivência. (...) O lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência” (ARCHELA et al, 2004, p.129).

Muitas pessoas decidem fazer parte dos comércios da feira pela sugestão de familiares. Muitos laboram nela desde crianças e, quando crescem, viram comerciantes, que se apropriam das barracas dos seus pais ou adquirem outras, preferivelmente próximas as dos seus familiares. Por esta razão, quando um comerciante novo chega na feira sem o acompanhamento de alguém que já esteja dentro fica difícil para ele conseguir uma boa localização. Tem pessoas que vendem as barracas para outras, embora do que o espaço pertencer a prefeitura e não possa se vender.

Conseqüentemente esta é cenário de disputas, desacordos e divergências, como forças desintegradoras que constituem as duas caras da moeda da sociação que exige reconhecer a diferencia do outro, de acordo com os elementos sociativos que motivam ao indivíduo a manter ou não uma relação seja de antipatia, simpatia ou empatia. O lugar encontra-se sujeito a múltiplos contrastes, estresses e oposições que podem ser conflitivas que uma forma de sociação (SIMMEL, 1983, p. 123).

A feira inicia o seu funcionamento por volta da meia noite. Os primeiros em aparecer são os transportadores que trazem seus caminhões cheios de mercadoria, que vem de diversas regiões do país, incluso alguns produtos são importados. Do mesmo jeito, comparecem muito cedo as pessoas que carregam as mercadorias, seja dos caminhões até as barracas ou vice-versa, estes podem carregar volumes cheios de diferentes produtos nas costas ou em pequenos carrinhos feitos de madeira.



Seguidamente aparecem os vendedores d//o atacado, ao redor das 2h00 a.m., com o transcurso das horas, vão aparecendo ainda mais vendedores. Os varejistas na madrugada compram dos comerciantes de atacado as mercadorias que depois arrumam e distribuem em sacolas pequenas, para serem exibidas em suas barracas menores ou como camelôs que percorrem a feira e seus arredores.

Os primeiros compradores chegam ali primeiro pelo amanhecer, antes de ir para os seus trabalhos, muitos fregueses vão à feira, ainda com o sonho na face, com roupa de dormir e muito enroupados por causa do terrível frio e a ocasional névoa. A maioria vai direto as suas barracas de confiança, onde os *vizinhos* esperam por eles, muitos se conhecem pelo nome, enquanto fazem as compras, se contam histórias e anedotas, falam das notícias e dos preços, incluso da fofoca em alguns casos.

Enquanto amanhece, a feira vai se enchendo de comerciantes e compradores, as calçadas e uma faixa das estradas próximas, também são ocupadas por vendedores e varejistas; também aparecem barracas improvisadas, onde podem se comprar bebidas quentes como café ou pingado, acompanhados com cachaça, brandi ou uísque. Num prédio muito próximo da feira aguardam os camponeses que trazem o gado desde o campo para comercializá-lo dentro ou fora da feira. A presença dos camponeses que comercializam gado é fundamental para o funcionamento da feira, pois eles são quem movimentam as vendas dos outros produtos.

A correria não para durante todo o dia. Há vários locais ao interior do prédio da feira que se encontram à intempérie, por isto os comerciantes que se estabelecem ali compõem suas barracas com diversas matérias, desde canastras, até estantes de madeira, paus e, em alguns casos, bases metálicas, para se cobrirem do sol ou a chuva colocam

plásticos amarrados com laços e cordas sujeitas de qualquer estrutura que as mantenha firmes.



Estar no mercado, é se submergir naquele universo colorido e barulhento, que estimula ouvir com os olhos e ver com os ouvidos, numa sinestesia espacial, porque “olhos e ouvidos não devem ser entendidos como teclados separados para o registro de sensações, mas, sim, como órgãos do corpo como um todo em cujo movimento, dentro do ambiente, consiste a atividade de percepção” (INGOLD, 2008, p. 29).

A feira se ouve, se cheira, se saboreia e se sente em cada palavra, em cada rosto, nas mãos que habilmente desfiam e cozinham, nos sorrisos, conselhos, histórias e piadas que alegram o serviço. Nas saudações e promoções, nos descontos e nos carinhos. Ou seja, a feira está nas pessoas, tem nome e identidade. Esta é um lugar de encontros e desencontros onde convergem múltiplas formas de perceber e estar no mundo, ali se misturam diversas classes sociais, a cidade e o campo, o público e o privado, a legalidade e a ilegalidade.

Sempre há alguma atividade por fazer, como arrumar e limpar a barraca; carregar vultos e pacotes; promover com gritos e, às vezes, com as palmas os produtos; incluso descascar cebola, desfiar milho, feijão ou ervilha, enquanto se atende aos compradores, se fala com os *vizinhos*, se cuida das crianças, se lê o jornal, enfim.

No pitoresco cenário oferecido pela feira do Sul de Tunja se compartilham saberes e tradições, quer dizer, as frutas e legumes adquiridos em qualquer barraca, levam com eles narrações, conselhos e desejos, que lhe outorgam um valor simbólico ao exercício de mercar. Pois, “Los sitios de mercado no son sólo espacios mecánicos de consumo, son también escenarios de interacción, convergencia y diferenciación social, convirtiéndose

en importantes textos de lectura y de interpretación de las relaciones sociales y prácticas culturales” (RAMÍREZ e PACHÓN, 2004, p. 13).

Assim transcorrem as horas, até aparecer à noite, depois do meio dia a dinâmica das vendas varia, algumas tarefas são concluídas, isso permite que alguns trabalhadores, principalmente homens, joguem dados ou cartas, geralmente apostando dinheiro ou cervejas.

Entre às 17h00 e às 19h00, muitas pessoas comparecem ao mercado, depois de sair dos seus trabalhos vão à feira, nessa hora, já bastantes vendedores já tem ido embora, outros tem fechado sua barraca e vendem de camelôs. Nesta hora a maioria das pessoas que estão na feira são mulheres e crianças. A feira finalmente fica desocupada por conta das 22h00.

Nesta ordem, é um espaço de encontro social e cultural que se dá num entorno econômico em que seus agentes exteriorizam seus *habitus* enquanto lutam pela conquista de um capital. Por isto, as relações que se geram neste contexto respondem a um intercâmbio comercial em que opera a reprodução de capitais económicos em quanto se geram práticas e saberes que tem valor simbólico. (BOURDIEU, 1992, p. 114).

Porém, com a abertura económica e a proliferação dos shoppings centers e redes de supermercados que se constituem como os modelos de progresso, crescimento e desenvolvimento da cidade, consagrados a potenciar a gentrificação e o consumo excedido de produtos e marcas reconhecidas internacionalmente, cada dia mais perto dos consumidores que, ao mesmo tempo, fica mais distante do produzido nas suas próprias terras.

A feira carrega uma história de exílios. Foi afastada definitivamente do centro da cidade na década dos 1980, a feira principal de Tunja. Inicialmente o mercado funcionava na praça central da cidade, constituindo-se como passeio obrigatório para os fregueses que frequentavam os centros de poder administrativo, judicial e religioso, portanto era um local de encontros, intercâmbios, festas, bate papo e arengas. A desordem e o barulho são elementos ligados à feira, que se percebe nos gritos dos feirantes divulgando os produtos e as promoções, nas barracas transitórias e efêmeras que aparecem e desaparecem com as horas e os dias, além do lixo e a bagunça gerada durante a jornada.

Por causa disto, os entes administrativos da cidade consideraram indispensável mudar o lugar da feira e todas as problemáticas ligadas com ela, tomando como referência o discurso da higiene, da comodidade e da depuração do espaço público. Por isto, durante

a primeira metade do século XX, a feira central foi mudada para um local próximo à praça central, com instalações destinadas exclusivamente para o funcionamento da feira.

Não obstante, a distância imposta não foi suficiente para mudar a face do centro da cidade. Portanto, finalmente a prefeitura decidiu que a feira seria levada para um terreno localizado no extremo sul da cidade, no limite com o setor rural. Este sul periférico, quase deserto e afastado do centro que lhe daria o seu atual nome, acolheria a feira com sua ordem caótica e barulhenta. Para além da distância imposta ao mercado, este ainda continua vigente, porque,

era necesario crearle al mercado paredes para aislarlo, organizarlo y normalizarlo en la metrópoli. La plaza de mercado muta su concepción incidental, espontánea de ocupación de la superficie para estructurarse y organizarse en edificios diseñados y equipados con el fin de contener este foco de infecciones y aglomeraciones (CASTIBLANCO, 2011, p. :126)

O exílio dos mercados para espaços fechados e periféricos, além do melhoramento da higiene e da sanidade, teve a intensão política de excluir e segregar do centro das cidades, os camponeses, indígenas, pobres e moradores de rua, com o desejo de limpar não só o espaço, como também a cultura. No entanto, estes esforços forem em vão, pois a essência do mercado virou praça e a praça virou mercado, por tanto longe do que este se encontre recluso em prédios fechados, o mercado não perdeu a sua particularidade espontânea e aberta. Além do que, a feira tenha sido afastada do centro da cidade e da maioria dos fregueses, as pessoas continuam chamando aos vendedores da feira de *vizinhos*.

Apesar da feira do Sul ficar longe do centro da cidade, dos grandes monumentos políticos e religiosos, e por consequência dos caminhos obrigados dos fregueses, ainda hoje resiste como local de intercâmbio econômico, mas principalmente de socialização e cultural. Isto reafirma que, a feira é um lugar antropológico.

Reservaremos el término "lugar antropológico" para esta construcción concreta y simbólica del espacio que no podría por sí sola dar cuenta de las vicisitudes y de las contradicciones de la vida social pero a la cual se refieren todos aquellos a quienes ella les asigna un lugar, por modesto o humilde que sea. Justamente porque toda antropología es antropología de la antropología de los otros, en otros términos, que el lugar, el lugar antropológico, es al mismo tiempo principio de sentido para aquellos que lo

habitan y principio de inteligibilidad para aquel que lo observa.
(AUGE, 1992, p. 30)

O mercado é um lugar de construção de identidades, onde os seres humanos produzem e reproduzem práticas sociais, ligadas as vivências e percepções do sitio, tecidas individual e coletivamente. Portanto, a função social da feira é tanto ou ainda mais relevante que a sua função econômica. Ali o lugar faz parte da construção cultural, a feira está nas relações, nas práticas, nos saberes, nos conflitos dos feirantes que se apropriam e se relacionam com o lugar e as pessoas que o frequentam.

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Desde uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transforma-lo (FREIRE, 2014, p. 38).

Igualmente, a feira deixa de ser um lugar exclusivamente de intercâmbio comercial para se configurar como um lugar educativo, pois as práticas e saberes que se mantem vigentes no cotidiano têm um valor simbólico arraigado na memória das comunidades que frequentam a feira, que não estão objetivados nos critérios universalistas da ciência moderna ocidental, nem homogeneizados na lógica neoliberal (SANTOS, 2010, p. 143).

Igualmente, é um espaço de reunião popular onde se produz socialização que dinamiza os intercâmbios materiais e simbólicos. No ensaio sobre a *Dadiva*, Mauss (1974) argumenta que os intercâmbios comerciais transcendem da sua conotação econômica e material a um aspecto simbólico quando se tornam dons ou presentes, pois criam e fortalecem relações sociais entre os sujeitos.

Na feira o valor simbólico dos intercâmbios se faz concreto nos fenômenos como os descontos ou nos presentes que os *vizinhos* fazem aos seus compradores para que eles continuem comprando na sua barraca. Estes comportamentos intervêm no estabelecimento das relações sociais, que geram um intercâmbio de bens materiais e espirituais, em cada saudação, frase afetuosa, conselho ou desejo. Quer dizer “no fundo são misturas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato da troca” (MAUSS, 1974, p. 71).

2. A FEIRA ENCONTROS E DESENCONTROS

Na feira convergem diversas percepções e concepções de mundo, por isso é um lugar de encontros e desencontros. Neste pedaço de chão o urbano momentaneamente se reconfigura como rural, onde se misturam o público e o privado, a casa e a rua, as sabedorias e as ignorâncias, as solidariedades e os confrontos, etc.

A feira é um sítio complexo e heterogêneo, que tem uma história e, portanto, está sujeita a mudanças e permanências, ou seja, “as sociedades reais existem no tempo e no espaço. A situação demográfica, ecológica, econômica e de política externa não se estruturam num ambiente fixo, mas num ambiente em constante mudança. Toda sociedade real é um processo no tempo” (LEACH, 1995, p. 69).

Depois de muitos anos frequentando a feira do Sul, compreendê-la implica redescobri-la, percorrer os caminhos já andados, significa tomar distância física e afetiva, assim os olhos que vêm e os passos que andam o lugar material e simbólico, carregado de lembranças, afetos e desencontros, conseguem perceber o previamente naturalizado.

Concordando com Velho: “O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente” (VELHO, 1978, p. 126).

Compreender a feira é indispensável para viver no cotidiano das pessoas, as situações e as relações que se tecem nesta. Foote-Whyte argumenta que “la evolución real de las ideas de investigación no tiene lugar de acuerdo con las exposiciones formales que leemos sobre métodos de investigación. Las ideas nacen en parte de nuestra inmersión en los datos y de todo el proceso de vivir” (FOOTE-WHYTE, 1993, p. 218). Em outras palavras, perceber como se representam e vêm os integrantes da comunidade da feira desde seu próprio olhar, as suas histórias, as suas práticas e as suas relações.

As contradições são o motor da história (MARX), pois a síntese da luta entre os opostos gera mudanças na ordem social existente já seja como parte da continuidade da ordem formal imperante ou de caráter estrutural, por tanto, os conflitos que se geram no contexto da feira respondem, por um lado, as tensões emanadas do sistema hegemônico, por outro as diferenças ligadas as relaciones sociais de um grupo social diverso y conflitivo.

Por volta de 1500 comerciantes e um número variável de trabalhadores como carregadores e transportadores, se sustentam economicamente da feira. Por conta do uso do espaço que corresponde ao prédio da prefeitura, os comerciantes, incluído aos

esporádicos comerciantes de gado, devem pagar uma taxa regulada pela administração. Com este dinheiro a feira cobre os seus gastos referidos às contas de água, de luz, de limpeza e o pagamento do pessoal administrativo que inclui cobradores, logísticos, seguranças, administrador e coordenador.

Não obstante, para o município a feira é um local insustentável, quer dizer que o funcionamento da feira representa um déficit fiscal para a cidade, que também é um foco de insegurança, conflitos e desordem, estancado no passado e o atraso. Por isto, as políticas relacionadas com o manejo da feira, vistam a depurá-la, escondê-la. Apesar de que a administração da feira é responsabilidade da prefeitura, é comum que esta seja concessionada a particulares, tomando um caráter misto entre o público e o privado.

Os valores a serem cobrados pelo espaço são determinados pela prefeitura mediante um decreto. Estes aumentam sem reparar nas condições socioeconômicas dos comerciantes, que muitas vezes não pagam o valor devido às precárias condições do prédio, e a inexistência de um contrato de aluguel. Embora, o arrecadado seja mais do que suficiente para cobrir os gastos, muito dinheiro desaparece por causa da corrupção. Enquanto a administração desconhece o papel econômico, também ignora o social e cultural da feira, potenciando também a segregação e o preconceito, além do surgimento de conflitos entre os comerciantes e a administração. Segundo Mondragón,

El papel económico de campesinos y campesinas en la producción de alimentos, en las exportaciones, en la generación de divisas para el país y en la reproducción a gran escala de la fuerza de trabajo, es generalmente olvidado. Todavía más ocultas están las culturas campesinas y su relación con la nacionalidad colombiana. Tanta invisibilidad sugiere una intencionalidad: impedir la presencia política del campesinado en la escena nacional y la vigencia de sus derechos colectivos (MONDRAGÓN, 2002, p. 4).

A feira evoca memórias que nos reconciliam momentaneamente com a herança camponesa que muitos aborrecem, nos lembram a origem dos alimentos num estado mais próximo ao natural, fora de pacotes e publicidade. Portanto, a feira é um lugar de encontro entre o urbano e o rural, é uma festa provisória que luta por se manter “inserta en la estructura y el paisaje urbano, la plaza de mercado es, sin embargo, un lugar aún no homogeneizado ni funcionalizado completamente, aún no digerido por la maquinaria mercantil” (BARBERO, 1981, p. 17).

Estranhar o espaço já conhecido para redescobri-lo, percorrê-lo com outros passos, perceber as suas vozes estridentes e em ocasiões ininteligíveis, reconhecer nos

rostos, nas palavras, nas barracas e nos pavilhões o campo que se faz cidade ao mesmo tempo escola: “A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós: mulheres e homens impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios” (FREIRE, 2001, p. 13).

A feira historicamente tem sido um local importante para a economia rural da região, muitos camponeses se deslocam dos municípios próximos de Tunja para participar dela, bem seja como compradores ou vendedores. Os produtos que chegam à feira são vendidos e revendidos durante toda a jornada. Iniciando com os camponeses muitas vezes fora do mesmo estabelecimento, passando pelos vendedores de atacado que, além de vender para os compradores externos, vendem para os mesmos varejistas que vendem em barracas o de camelôs.

Por outro lado, a feira é um lugar de encontro entre o mundo privado correspondente à casa e o público ligado à rua (DA MATTA, 1997, p. 93), pois nela coexistem formas de ser e fazer que ultrapassam os limites impostos para cada universo. As vendas, o trabalho e a desordem relacionados estritamente à esfera pública, ou seja, com a rua se misturam com as tarefas de limpeza, apropriação e organização dos alimentos e das barracas de mercado, atividades privadas que nos remitem ao lar.

As fronteiras impostas entre os dois mundos desaparecem, atrás das barracas não se encontra um vendedor isolado. Quase sempre o *vizinho* está em companhia por um ou vários integrantes da sua família em sua barraca que estará perto da barraca de algum familiar seu, que colaboram com as múltiplas atividades que demanda a rotina da feira. O sistema de valores que se geram neste ambiente reafirma a estrutura da hierarquia imperante no lar, pois as tarefas atribuídas a cada membro da família tem a ver com a sua idade e gênero.

Enquanto as atividades que requerem maior esforço físico são feitas principalmente por homens de diversas idades, que carregam volumes nas costas e em carrinhos cheios de mercadoria. Também os transportadores são maioritariamente homens. Eles frequentam mais os botecos, apostam e bebem. Durante a instalação das barracas nas primeiras horas, os homens descarregam os canastros, mas a ordem que estes terão na barraca é decisão das mulheres.

As mulheres se encarregam de organizar as barracas, os alimentos, da faxina, de cuidar das crianças, de cozinhar, na feira no caso das trabalhadoras das cozinhas, ou na casa quando se comercializam produtos como empadas, queijos, pastéis, *mute*, *amasijos*,

doces, galinhas, etc., elas ficam na barraca a maior parte do dia, por tanto se elas bebem, o fazem na barraca.

Também as dinâmicas de socialização que se geram entre compradores e vendedores acontecem num ambiente de familiaridade, já que se criam relações de intercâmbio comercial, se mantêm conversações, se partilham experiências e anedotas, além de conselhos e receitas de cozinha e remédios caseiros. “Estas formas simples no caracterizan los grandes espacios políticos o económicos sino que definen al mismo tiempo el espacio aldeano y el espacio doméstico” (AUGE, 1992, p. 33).

Nesta rotina, a feira é um local de encontros e solidariedade, mas ao mesmo tempo de desencontros e confrontos. A saber, que as atividades não se encontram distribuídas equitativamente entre os homens e as mulheres, nem a casa nem a feira. Mas para muitas pessoas isto não representa maiores conflitos, porque a maioria nem o percebe.

Frente às cargas aumentadas de trabalho para as mulheres, estas tecem redes de solidariedade para se apoiar cuidando em conjunto dos bebês e as crianças mais novas. Também para vigiar das pertenças e a mercadoria das barracas das pessoas que são próximas, para evitar roubos ou confrontos que podam se gerar no contexto. Na hora de ir ao banheiro ou trocar notas.

As relações ente *vizinhos* são muito importantes para configurar estas redes de solidariedade, muitos têm relações próximas sejam familiares ou não. Mas também existem muitas relações conflitivas, por causa do espaço, das fofocas, da inveja e, sobretudo, pela falta de diálogo.

Todas as pessoas que frequentam a feira coincidem em que este é um local inseguro. A informalidade própria desta, a variação das pessoas que convergem nela, as aglomerações de pessoas, entre outros fatores contribuem a que aconteçam roubos. Os seguranças percebem que acontece um roubo só quando este vincula uma quantidade de mercancia superior a uma caixa, canastra de produtos ou quantidades de dinheiro proeminentes.

Apesar disto, na feira todos sabem de todos, por isso os *malandros* ou *ladrões* que concorrem à feira, são também uma parte da feira. Muitos trabalham de carregadores, portanto, existe um preconceito quase generalizado com os carregadores de volumes, sempre ligados à ilegalidade, ao consumo de substancias ilegais. Embora algumas destas pessoas acostumem a roubar nem todas o fazem e na feira sempre terão trabalho.

Entretanto, a feira é ao mesmo tempo um lugar de encontros e desencontros entre saberes e ignorâncias, tendo em conta que “a sabedoria parte da ignorância. Não há

ignorantes absolutos” (FREIRE, 2014, p. 35). Os saberes que se concentram na feira estão presentes nas práticas e atividades cotidianas que acontecem ali, na socialização, na construção de signos, sentimentos, símbolos, etc.

Mesmo que, os comerciantes da feira, façam parte das faixas mais populares da população da região, e por causa disso e outros fatores, muitos não tenham concluído os seus estudos formais na escola, a feira tem sido um local apropriado para adquirir conhecimentos úteis para seu trabalho e para sua vida.

Doña Mariana, vendedora de mute¹ que tem mais de 18 anos trabalhando na feira, assegura que ali tem aprendido muitas coisas, que tem complementado a sua carência de estudos na escola. Vendendo tem melhorado as suas habilidades matemáticas que não só são muito necessárias para as vendas, também para ajudar nas tarefas da escola de sua filha. Também tem adquirido habilidades para preparar refeições típicas com milho como mute, envueltos, caldos, etc.

Amanda Castilblanco, quem trabalha no pavilhão de ervas faz quatro anos, afirma que além ela tenha concluído a escola, na feira aprendeu a se relacionar com as pessoas. *“Aquí yo aprendí a relacionarme, a hablar con la gente, porque antes yo era muy tímida, ahora me resulta fácil entrarle a la gente, ofrecerle las hierbas y también hacer amigos. Yo aquí te puedo ofrecer toda clase de plantas que son buenas para tu salud, para hacer tratamientos de belleza, para el pelo, la cara, para adelgazar. Y eso lo aprendí sólo aquí entre las hierbas y con la gente”*.

Os conhecimentos que se produzem, reproduzem, criam e recriam na feira são tão diversos como a variedade de produtos que se comercializam ali, e que nos liberam de outros consumos, por exemplo, as ervas medicinais e aromáticas frente à medicina ocidental, a comida típica em contraposição à comida processada com colorantes e conservantes.

Na feira trabalham muitas crianças, algumas colaboram com as vendas de camelô ou arrumando os produtos nas sacolas, outros trabalham como carregadores na madrugada, concluem sua jornada e vão para a escola na manhã. Estes tem chegado a estes trabalhos procurando aportar economicamente para suas famílias que geralmente trabalham vendendo ou carregando também.

Para as mães é bem melhor que seus filhos trabalhem na feira e fiquem em sua companhia do que fiquem sozinhos na casa ou na rua. Mesmo que o trabalho infantil seja

¹ Mute significa milho cozido em fogueira e pelado com cinza, que se utiliza para preparar caldos e sopas. É uma refeição típica da região.

uma problemática bem complexa, neste contexto de herança rural e camponesa, o trabalho das crianças representa para as famílias uma contribuição indispensável em seus ofícios na feira. Do mesmo jeito, essa interação com as práticas laborais da feira, constitui para elas desenvolver habilidades práticas, que não serão apreendidas na escola.

Infelizmente, muitas crianças que trabalham na feira deixam a escola por diversos fatores, mas principalmente, estes não sentem relação e empatia com os conhecimentos abordados na escola formal, já que se centram na acumulação de teorias que pouco tem a ver com os saberes práticos adquiridos socialmente. Embora os pais tenham sempre a vontade deles continuarem estudando para forjar um caminho diferente as vendas na feira.

Com tudo, também há desencontros com os saberes ligados à feira. Ainda os comerciantes da feira consideram que os seus saberes não são tão relevantes como os aprendizados na escola, embora muitos deles tenham desistido de finalizar a escola, por isto se esforçam porque seus filhos estudem e não virem comerciantes da feira no futuro.

Mas também, as percepções das pessoas sobre estes saberes se encontram atravessados pelo preconceito infundido pelos saberes objetivados, pela sociedade, já que, não se identificam com os valores da “cultura erudita” legitimada y reproduzida institucionalmente na escola (BOURDIEU). Pelo contrário, envolvem o acervo de conhecimentos e experiências, que persistem na memória coletiva e popular da população da região, mas não reproduzem a linguagem e os códigos de ciência ocidental hegemônica.

Susan de 29 anos trabalha na feira desde que tinha 11, atualmente está na frente da barraca que foi do seu pai vendendo banana da terra e aipim, assevera que *“aquí en la plaza uno tiene es que estar despierto, saber negociar y convencer a la gente que compre. Pero también uno tiene que ser bueno administrando, no ir a botar la plata por ahí. Si no fuera porque trabajo aquí no sabría cómo manejar la plata, como invertir, saber hacer negocios”*.

Estes saberes são válidos e indispensáveis no cotidiano da feira, estes são em constante produção e reprodução, e a sua permanência evidencia sua funcionalidade e sentido, porque respondem às condições e necessidades imediatas de uma população heterogênea de tradição empírica, com um valor cognitivo e prático.

Santos (2010) argumenta que, o conhecimento nas suas múltiplas formas não se encontra distribuído equitativamente na sociedade, porquanto existe um reconhecimento privilegiado sobre o conhecimento científico ocidental que lhe outorga uma validade epistemológica e sociológica que anula outras formas de conhecimento.

Mesmo que muitos conhecimentos populares têm sido reconhecidos institucionalmente, continuam supeditados à hegemonia do conhecimento que privilegia as desigualdades sociais pois

A actual reorganização global da economia capitalista assenta, entre outras coisas, na produção contínua e persistente de uma diferença epistemológica, que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de facto, em hierarquia epistemológica, geradora de marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos. (SANTOS, 2010, p. 153)

Do mesmo jeito do que existe diversidade cultural também há diversidade epistemológica, porque existem múltiplas formas de *ser* e *estar* no mundo, que não se limitam à percepção universalista da ciência moderna, nem a lógica homogeneizante do neoliberalismo.

Outro desencontro importante de mencionar é o referido às percepções dos administrativos que tem a ver com a feira, ao redor da feira mesma e as pessoas que fazem parte dela. Infelizmente por causa do preconceito e o desconhecimento do contexto real da feira, o pessoal administrativo que dirige os rumos deste lugar. A maioria considera que os comerciantes da feira pertencem às faixas mais vulneráveis da sociedade e por tanto estão ligados a desordem, os conflitos, a insegurança, a ilegalidade e incluso a criminalidade.

Por tanto, o componente administrativo da feira, que se encontra numa secretaria no segundo andar do local, e que depende das decisões da secretaria da prefeitura na praça de Bolívar no centro da cidade distante dos comerciantes, não considera que na feira persistam conhecimentos valiosos, porque a feira é um sinônimo de ignorância e atraso. Ali se encontra a linha da pobreza que deve se ocultar, ou no melhor dos casos desaparecer. Daí que a intervenção da administração tem uma intencionalidade assistencialista, e a sua maior preocupação é manter o arrecado dos feirantes.

Finalmente, a feira e os feirantes se resistem a desaparecer e a ser engolidos pelas dinâmicas mercantis. Em momentos críticos de disputa e intenção de remoção, os comerciantes deixam de lado as diferencias que pode separa-los e se organizam embora seja momentaneamente. Muitos acodem ao uso de mecanismos legais como a tutela ou a ação popular, apoiados na defensoria do povo. Outros se resistem a pagar os preços do

arrecado, vendem fora do prédio ou cambiam de lugar em quanto passam os cobradores. Alguns pagam, mas manifestam com afinco seu descontento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira com suas dinâmicas de encontros e desencontros é uma radiografia das problemáticas mais contundentes da sociedade colombiana a menor escala. Ali se misturam classes, interesses, afetos e desafetos, que forçosamente tem que coabitar num espaço reduzido, afetado a sua vez pelas dinâmicas do mercado, a corrupção, o clientelismo e o abandono estatal.

As relações tecidas com as comunidades e o lugar têm um valor muito relevante, mas os manejos administrativos visam a arrecadar dinheiro da feira, os comerciantes e os administrativos falam linguagens bem diferentes o que contribui a que se profundissem as diferenças e os preconceitos. Além da proliferação de shopping centers e redes de lojas na cidade, a feira continua sendo um local relevante para a comunidade rural e urbana da região.

A feira se constitui como recinto onde convergem conhecimentos e práticas que evidenciam dinâmicas de socialização, intercâmbio material e simbólico relevantes para a cultural local, mediante as práticas vigentes, persiste também o patrimônio material e imaterial da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHELA, R. GRATÃO, L. TROSTDORF, M. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. ISSN 0102-3888 – GEOGRAFIA- Ano 13, v.13, n.1, 1º semestre de 2004. p. 127-141. <http://www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>
- AUGÉ, Marc. Los no lugares espacios del anonimato una antropología de la Sobre modernidad. (1992).
- BARBERO, Martin. Prácticas de comunicación en la cultura popular: mercados, plazas, cementerios y espacios de ocio. In: SIMPSON M. Comunicación alternativa y cambio social. México: Editora Premia, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. (1992).
- _____. Razones prácticas. Sobre la teoría de la acción. (1997).
- CASTIBLANCO, A. Las plazas de mercado como lugares de memoria en la ciudad: anclajes, pervivencias y luchas. ISSN 2011-5253 - Ciudad Paz-ando – Ano 2, v.4, n.2, 1º semestre de 2011. p. 123-132. <http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/cpaz/index>
- FREIRE, Paulo. Política e educação (2001).
- FREIRE, Paulo. Educação e mundaça. (2014).
- LEACH, E. Sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo. EDUSPI, 1995.
- INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 3, 2008.

MATTA, Roberto da. O Ofício do Etnólogo ou como ter 'Anthropological Blues. In: A aventura sociológica. Rio de Janeiro: 1978.

_____. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro (1983).

MONDRAGÓN, Héctor. La organización campesina en un ambiente de terror. (2002).

RAMÍREZ Ofelia. PACHÓN Ana Lucinda. Una forma para entender la ciudad: relaciones sociales y prácticas culturales en tres escenarios de mercado (2004)

SANTOS, Boaventura de Sousa. A ecologia dos saberes (2010).

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel: sociologia (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34). São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WHYTE, William F. Sociedad de esquina (2005)